R mais

Quando Paris mostrou os Jogos ao Mundo

Em 1900, Paris engalanou-se para receber a Exposição Universal, o mais grandioso evento internacional na altura. Do vasto programa fazia parte uma competição desportiva: os segundos Jogos Olímpicos da era moderna. A competição terá poucas semelhanças com a que veremos este verão, volvidos 124 anos, mas cumpriu o repto de mostrar o desporto de competição como um dos fenómenos emergentes para o século XX. Uma previsão certeira

VASCO BORGES

Há 124 anos, Paris engalanava-se para receber o mais importante evento internacional da época. A Exposição Universal de 1900 trouxe muito brilho e novidades à sempre charmosa capital francesa e entre o extenso programa estava um grande evento desportivo que, quatro anos antes, tinha sido resgatado do passado em Atenas. Paris recebia os segundos Jogos Olímpicos da era moderna, atraindo quase um milhar de atletas, vindos de todo o Mundo, para competições de atletismo, natação ou esgrima, mas também de desportos emergentes na altura, como o rugby ou... o futebol.

A verdade é que os Jogos eram apenas um pequeno prato de um vasto banquete de cultura e inovação servido na cidade com toda a pompa e circunstância entre abril e novembro desse ano.

O repto da Exposição Universal - o que hoje conhecemos simplesmente como 'Expo' - de 1900 era ambicioso: celebrar as conquistas de século XIX e mostrar o que aí vinha no século XX. A Torre Eiffel - que havia sido apresentada ao Mundo onze anos antes - serviu de pano de fundo a um espaço por onde se estima terem passado cerca de 50 milhões de pessoas. A primeira linha do Metro de Paris foi construída de propósito para receber a Exposição, tal como outras infraestruturas que, volvidos 124 anos, voltarão a ser utilizadas por milhões de visitantes durante os Jogos de 2024. Durante esses oito meses foram apresentados os novíssimos carros com motores a diesel, alguns dos primeiros filmes falados, o primeiro gravador de áudio ou até as primeiras escadas rolantes. Foi também o ano da 'Art Noveau', cujas linhas arquitetónicas ainda hoje se notam um pouco por toda a Europa e que inspirou, por exemplo, Antoní Gaudí. Portugal participou com dois pavilhões. Um dedicado à Caça e à Pesca e outro ao Colonialismo.

Entre tudo isto, o desporto deu um importante passo enquanto atividade capaz de atrair grandes massas de público. Os Jogos Olímpicos de 1900 consolidaram a ideia implementada quatro anos antes em Atenas, com um aumento considerável no número de atletas - mais de mil, face aos 241 em 1896 -, de modalidades, de países participantes e de curiosos a assistir aos eventos.

Uma competição que pouco tem a ver com o que veremos dentro de dias, recheada de peripécias, mas que, como ambicionava a Exposição Universal, mostrou um novo fenómeno em expansão para o século XX.



SEGUNDA EDIÇÃO DA ERA MODERNA

Medalhas entre muitas peripécias



Os Jogos atraíram atletas de todo o Mundo e muita curiosidade, mas nem tudo correu bem em cinco meses repletos de histórias e imprevistos

VASCO BORGES

Os Jogos Olímpicos de 1900 trouxeram ambição reforçada face a Atenas'1896, ainda que o facto de serem integrados na Exposição Universal tenha causado alguma confusão, mesmo entre os atletas. Muitos ter-se-ão inscrito sem perceber que estariam a competir nos Jogos. Os desportos, na sua maioria, são parecidos com os que hoje se praticam, mas há pormenores que certamente não veremos repetidos em Paris'2024, como o facto dos atletas de algumas modalidades se equiparem, literalmente, de fato e gravata. Com as provas distribuídas ao longo de vários meses e abertas a amadores, deram-se várias peripécias que hoje seriam impensáveis... desde equipas que não conseguiram reunir atletas suficientes para participar, atletas sem paradeiro ou uma prova com... um espectador.

ALVIN KRANZLEIN ARRECADOU QUATRO MEDALHAS DE OURO NO ATLETISMO. NO REMO, FOI UMA CRIANÇA MISTERIOSA A BRILHAR

A estrela norte-americana

O atletismo foi a modalidade rainha, atraindo milhares de espectadores - muitos deles estrangeiros - para assistir às provas. Os norte-americanos dominaram as provas, com destaque para Alvin Kraenzlein, que arrecadou quatro medalhas de ouro, ainda hoje um recorde. Triunfou nos 60 metros e no salto em comprimento, mas foi nas provas com barreiras que impressionou ao utilizar uma técnica inovadora que lhe permitia transpor os obstáculos sem parar a corrida, a mesma que serviu de base à que hoje é utilizada por todos os atletas. Venceu, assim, os 110 e os 200 metros barreiras.

Um menino campeão

Imagine-se que uma criança sai à rua de manhã e termina o dia a ajudar uma equipa a vencer uma prova de remo e a subir a um pódio Olímpico antes de voltar a casa... e nunca mais ser visto. Foi exatamente o que aconteceu na prova de Remo, quando a Holanda se viu preterida de um elemento e recorreu à ajuda de uma criança - que não teria mais de 12 anos - para terminar a prova. Acabaram por vencer e o menino subiu ao pódio. Foi fotografado, mas nunca mais se soube do seu paradeiro. Uma bela história que hoje daria... desqualificação imediata.

Problemas na Vela

A inexperiência da organização também ficou bem patente em vários desportos. Um dos casos mais óbvios ocorreu nas provas de Vela, quando se percebeu que nem todas as embarcações tinham o mesmo tamanho e que algumas eram demasiados grandes para navegar no Rio Sena. A solução? Dividir a prova. Parte no recinto original e parte em Le Havre, a 200 km de distância.

Croquet e Cricket não vingam

O Croquet, uma variante do golfe com semelhanças ao Cricket, teve a sua única aparição Olímpica em 1900, mas não convenceu. Realizada em Nice, a prova juntou ape-

PARIS'1900 E PARIS'2024 – AS DIFERENÇAS

	PARIS'1900	PARIS'2024
Dias de competição	167	17
Países Participantes	26	206
Maior Comitiva	França 720	EUA 592
Número Modalidades	19	32
Número de Finais	90	132
Modalidades em estreia	13 (incluindo rugby, futebol ou golfe)	1 (Breakdance)
Número de recintos	14	34
Maior recinto (capacidade)	Velódromo de Vincennes (cerca de 7 mil)	Stade de France (77.083)
Custo Estimado	Cerca de 5 M€	Cerca de 405 M€

PARIS'1900 - MEDALHEIRO (TOP-5)

País	Ouro	Prata	Bronze	TOTAL
França	27	41	34	102
Estados Unidos	19	14	14	47
Reino Unido	16	6	9	30
Equipa Mista*	6	3	3	12
Suíça	6	2	1	9

*em algumas modalidades houve atletas de países diferentes a formas equipa

Desportos invulgares

Entre a lista de modalidades há algumas que saltam à vista simplesmente por nos serem pouco familiares. Um dos exemplos é a 'Pelota Basca' que, tal como o nome sugere, tem as suas origens no País Basco, sobretudo na parte francesa desse território. Consiste no arremesso de uma bola contra uma parede, com o objetivo que ressalte para uma área de jogo chamada 'cancha'. O ponto continua até que uma das equipas deixa a bola bater duas vezes no chão ou cometa uma falta. Há dezenas de variedades, mas as mais populares são de 'mão nua' - só com as mãos - e a que se jogo com uma chistera, uma espécie de cesta com a qual se recolhe e arremessa a bola. Na prova de 1900, competiram uma equipa francesa e duas equipas espanholas, uma das quais saiu vencedora e os membros foram reconhecidos como primeiros campeões Olímpicos do país.
A outra é a... Cabo de Guerra, uma prova de força em que duas equipas puxam por uma corda com o objetivo de fazer o adversário transpor uma linha central. Foi desporto Olímpico entre 1900 e 1920 e em Paris foi uma equipa composta por atletas escandinavos a bater primeiro os franceses e depois norte-americanos... num duelo que quase chegou a vias de facto.


ABERTURA. Foram mais de mil os atletas de 26 países que participaram nos Jogos Olímpicos de Paris em 1990, que se prolongaram ao longo de cinco meses

Futebol e rugby a dar os primeiros passos

VASCO BORGES

Desportos coletivos como o futebol e o rugby estavam em expansão e tiveram em Paris uma importante montra para o Mundo. O futebol tinha figurado no programa dos Jogos de 1896, mas a competição acabou cancelada por falta de inscrições. Quatro anos depois foi feita nova tentativa e, apesar de Alemanha e Suíça também terem desistido por falta de participantes, foram feitos dois jogos, a opor a equipa francesa frente a uma belga e outra do Reino Unido. Cada país elegeu um clube para o representar. França enviou o Club Français (extinto em 1935) que tinha sido vencedor do campeonato regional de Paris. Já os britânicos enviaram o Upton Park Football Club, de Londres, que em 1911 viria a integrar o West Ham United, o mesmo que hoje compete na Premier League. Já os belgas viajaram com uma seleção de jogadores oriundos de Universidades do país. As duas partidas ocorrem no Velódromo de Vincennes - atraindo um total de cerca de 2 mil pessoas - com os franceses a bater os belgas (6-2), mas a perder com o Upton Park (0-4). A prova foi inicialmente classificada como 'de exibição', mas, mais tarde, reconheceu-se a equipa londrina como campeã Olímpica. Os britânicos voltariam a vencer a competição de futebol em 1908 (Londres) e 1912 (Estocolmo), estando desde então em 'jejum'.

A competição de rugby, ainda com regras um pouco diferentes das habituais, atraiu mais público do que a de futebol - cerca de 7 mil pessoas entre dois jogos - e contou com algumas particularidades .na equipa francesa. Constantin Henriquez, oriundo do Haiti, foi o primeiro atleta negro - segundo os registos disponíveis - a participar numa Olimpíada. O plantel também incluía um jornalista, chamado Frantz Reichel que, além de jogador de rugby, chegou a ser campeão francês de corta-mato. A prova também teve as suas peripécias, com o jogo entre Reino Unido e Alemanha a ser cancelado porque as equipas não tinham fundos para permanecer em Paris até à data prevista. Os ingleses só conseguiram chegar à cidade algumas horas antes do jogo com França, depois de fazer um jogo em Birmingham na véspera, sendo derrotados (8-27).


PIONEIROS. Futebolistas em pose em Paris

Competição voltaria a Paris em 1924

Volvidos 24 anos, Paris voltaria a receber uma edição dos Jogos Olímpicos. O contexto tinha mudado drasticamente em relação a 1900, por conta da I Guerra Mundial, mas o entusiasmo manteve-se. Participaram mais de 3 mil atletas oriundos de 44 países e estiveram presentes cerca de mil jornalistas. Pela primeira vez, houve transmissão pela rádio e também foi construída a primeira vila Olímpica. Portugal enviou 30 atletas e conseguiu uma medalha de bronze no prova equestre por equipas, com António Borges d'Almeida, Hélder de Souza Martins e José Mouzinho d'Albuquerque.

Motores e balonismo

Além das modalidades Olímpicas, os jogos de 1900 contaram com diversos eventos de exibição, com ênfase nas provas motorizadas, uma grande novidade na altura. Foi organizada uma 'prova de velocidade' no trajeto Paris - Toulouse - Paris, com mais de 1.400 km. Só 18 dos 55 carros inscritos conseguiram completar o trajeto, sendo que o vencedor da categoria principal, Alfred Velghe, registou 65 km/h de velocidade média. A febre dos motores também chegou às aguas do Rio Sena, com 49 inscritos, a maioria em barcos a vapor, mas com uma categoria para motores.

Além da velocidade, também houve espaço para outras demonstrações. Entre as quais de columbofilia, tiro de canhão, resgate aquático - em que se simulou um naufrágio de uma embarcação de 30 toneladas - e até... de primeiros socorros em situação de guerra, em que o objetivo era transportar uma pessoa numa maca por uma pista de obstáculos. Ainda assim, a que mais chamou a atenção foi a de balões de ar quente, que enfeitaram a paisagem parisiense durante o verão. Henry de La Vaulx conseguiu viajar de Paris aos subúrbios de Kiev (percorreu quase 2 mil quilómetros em 35 horas), estabelecendo um novo recorde mundial.

nas equipas francesas e... um único espectador. Tratava-se de um inglês que viajou de propósito para a ver a competição. Já a prova de Cricket ficou limitada a um jogo - entre Inglaterra e França - já que a Holanda desistiu por não ter conseguido angariar jogadores suficientes.

Ginástica... um pouco diferente

A prova de Ginástica é uma das mais exigentes nos Jogos mas, talvez, nem tanto quanto há 124 anos. Os 135 participantes competiram num total de 16 disciplinas, que incluíam o levantamento de pedras de 50 kg, a escalada em corda ou o salto com vara. Acabou por ser o francês Gustave Sandras a levar o Ouro... ainda hoje o único gaulês a conseguir esse feito na Ginástica.

NUMA PROVA DE RESGATE

A proeza dos bombeiros do Porto

Portugal só se viria a estrear em provas Olímpicas nos Jogos de Estocolmo em 1912, ainda que a imprensa da época tenha chegado a noticiar a inscrição de dois atletas nas provas de tiro, cujos nomes não aparecem, contudo, nos registos oficiais. Como as provas eram abertas a amadores, é impossível saber se algum português chegou mesmo a participar. Ainda assim, houve uma corporação de bombeiros, oriundos da cidade de Porto, que entrou numa das provas de exibição - não classificadas como Olímpicas - e que se destacou entre vasta concorrência. Do arquivo virtual do Palácio da Bolsa surge um conjunto de artigos do jornal 'O Tripeiro' que documentam essa participação. No Hipódromo de Vincennes, realizou-se a prova do Concurso Mundial de Bombeiros, no qual participou a delegação portuense entre dezenas de países. Por si só uma proeza, tendo sido um empresário local, Guilherme Gomes Fernandes, a financiar toda a expedição. A viagem, documenta o jornal, foi recheada de peripécias, com a comitiva a chegar a Paris apenas na manhã da competição. Na prova de resgate simulava-se um incêndio num prédio de seis andares em que o objetivo era resgatar três manequins e apagar o fogo no mínimo tempo possível. O 'Tripeiro' fala num tempo recorde de 2 minutos e 56 segundos, que "dizimou" a prestação dos restantes concorrentes. Não é, contudo, preciso que essa tenha valido a vitória na prova que valorizava mais fatores. Não deixando, contudo, de ser uma autêntica proeza.

DEZ DIAS DE TRABALHO EM ESPANHA

AC. VISEU

Clube sonha com o regresso ao escalão principal e pela segunda época consecutiva a estrutura proporcionou estágio de pré-época fora do país

Preparação de primeira

ANDRÉ ANTUNES PEREIRA

Além dos chamados '3 grandes' e de uma ou outra exceção, é incomum um clube da 1.ª Liga portuguesa realizar o seu estágio de pré-época fora do país. E ainda mais incomum se torna se falarmos de equipas de 2.ª Liga. No entanto, e pela 2.ª temporada consecutiva o Ac. Viseu contraria essa tendência. Depois da experiência na Alemanha no verão passado, desta vez o emblema da Beira Alta, que nas últimas épocas alimenta o sonho de regressar à 1.ª Liga, depois da última presença ter sido na época 1988/89, rumou até ao sudeste de Espanha para trabalhar durante 10 dias e foi uma das duas equipas da 'nova' Liga Meu Super a afinar a máquina no estrangeiro - o Mafra estagiou na Dinamarca. **Record** acompanhou 2 dias do estágio dos viseenses, nestas páginas contamos-lhe alguns pormenores e podemos desde já adiantar: foram condições de trabalho dignas... de uma equipa de 1.ª Liga. Desde logo, a comitiva ficou instalada numa unidade hoteleira de 4 estrelas, junto à costa, na região de Múrcia e Alicante, muito procurada por turistas (sobretudo britânicos) e naturalmente cheia nesta altura do ano. Para quem visita a região em férias ou lazer, as elevadas temperaturas são ideais para passar umas boas horas na praia, mas, no caso de um plantel profissional como o Ac. Viseu, tornam-se propícias a puxar pelos índices físicos nesta fase precoce da temporada.

Tudo para não falhar nada

O estágio foi preparado com meses de antecedência. Responsáveis da estrutura técnica e diretiva realizaram várias viagens a

PLANTEL ACADEMISTA EVOLUIU NUM AMBIENTE TRANQUILO E QUE SERVIU TAMBÉM PARA CRIAR E FORTALECER LAÇOS

Espanha para garantir as condições necessárias ao estágio e com uma premissa importante: os jogadores preocuparam-se apenas com o treino e a recuperação






INTENSIDADE. Plantel de Rui Ferreira aprimorou condição perto de Alicante com várias sessões de treino físico, técnico e tático, num estágio acompanhado de perto pelo presidente da administração da SAD do clube academista, Mariano Lopez, e que incluiu 2 particulares: vitórias sobre os ingleses do Oxford (1-0, na foto) e do Derby County (3-1)

Desde a alimentação aos quartos, passando pelas condições de trabalho, nomeadamente os ginásios e a qualidade dos relvados que, como pudemos constatar, estavam em excelente estado, tudo foi pensado ao pormenor para que nada falhasse.

A comitiva academista integrou 28 jogadores, além da equipa técnica liderada por Rui Ferreira e membros do departamento médico, de apoio e da estrutura do futebol e da administração da SAD, incluindo o presidente, Mariano Lopez, num ambiente tranquilo e discreto que serviu para potenciar o físico, a técnica e a tática, mas também - e tão ou mais importante - para começar a criar laços e ligações no grupo de trabalho para enfrentar os desafios da nova temporada.

Além dos treinos (muitas vezes


FOTOS AC. VISEU

bidiários), da recuperação e do descanso, tão ou mais importantes do que o trabalho no campo ou no ginásio, o plantel aproveitou vários momentos de convívio para estreitar relações, com destaque para as refeições (pequeno-almoço, almoço e jantar) sempre feitas em grupo, incluindo os elementos da estrutura do futebol e da SAD.

Testados por britânicos

Como já referimos , a região onde o Ac. Viseu realizou o seu estágio de pré-temporada é muito procurada por turistas britânicos, mas também... por clubes. De resto, na mesma unidade hoteleira dos viseenses, mas com comitivas devidamente separadas, trabalhou também o Preston, emblema que disputa o Championship. E da 2ª divisão inglesa foram também os dois adversários que a equipa orientada por Rui Ferreira defrontou em solo espanhol, com duas vitórias. Após baterem o recém-promovido Oxford United (1-0), os viseenses derrotaram o histórico Derby County (3-1) no penúltimo dia do estágio.

ANDRÉ ALMEIDA ASSUME VANTAGENS

"Ficamos mais unidos por ser no estrangeiro"

André Almeida parte para a sua terceira época consecutiva ao serviço do Ac. Viseu e é o capitão da equipa liderada pelo técnico Rui Ferreira. Em conversa com o nosso jornal, o defesa central de 29 anos assume que realizar um estágio fora do país traz maiores benefícios em termos de coesão do grupo e criação de uma identidade coletiva. "Ficamos mais unidos por ser um estágio no estrangeiro. Em Portugal, acontecendo alguma coisa, temos sempre outra rede à volta. No estrangeiro, dependemos só de nós e neste caso da estrutura toda, que não

DEFESA CENTRAL DE 29 ANOS GARANTE QUE O OBJETIVO É "FAZER MELHOR" DO QUE O 11º LUGAR DA ÉPOCA PASSADA

nos deixa faltar nada", explica, notando ainda o "trabalho invisível" da estrutura: "Não aparece nas fotografias nem nos vídeos, mas permite não nos preocuparmos com nada a não ser sair do quarto e treinar."
Enquanto capitão, André Almeida resume a sua responsabilidade "fazer a ponte entre staff e jogadores", mesmo que tenha de fazer o papel de "chato". "Passa muito pela organização da equipa, como ver se falta alguém. Toda a gente tem de estar a horas no campo, por exemplo. E tento puxar pelos jogadores nesse aspeto", descreve, dando ainda conta do papel importante que tem na integração de reforços e também de jovens que trabalham com o plantel principal: "Tento fazer com que se sintam integrados desde o início, pois precisamos deles desde o primeiro dia."
Assumindo a "desilusão" pelo 11.º lugar com que a equipa terminou o campeonato na época passada, André Almeida garante: "As expectativas são fazer melhor."
"No ano passado, merecíamos muito mais, os adeptos e a cidade também mereciam muito mais da nossa parte. Temos de tentar andar nos lugares cimeiros e depois, quando começar a altura das decisões, podermos estar envolvidos", diz o defesa lisboeta.
Para tornar esse cenário mais provável, o central salienta a importância dos jogos no Fontelo.
"Temos de fazer da nossa casa uma fortaleza. As equipas que forem lá jogar têm de sentir que, para saírem com pelo menos um ponto, vão precisar de fazer trinta por uma linha", explica, deixando ainda um desejo: "Quero olhar para a classificação final e ver que somos a defesa menos batida do campeonato."


CONTRIBUTO. André Almeida é capitão e vai para a 3.ª época no clube

DIA-A-DIA DO ESTÁGIO

PEQUENO-ALMOÇO. Primeiro momento do dia com o grupo reunido;

PRÉ-TREINO. Momento para relaxar e preparar o treino, com alguns jogadores a necessitarem de cuidados dos fisioterapeutas;



TREINO DA MANHÃ. Cerca de 1h30 de trabalho, seguida de recuperação – alongamentos e banhos de gelo;

ALMOÇO. Novo momento para convívio e reunião do grupo fora do relvado;

DESCANSO. Período aproveitado para vários fins, incluindo uma sesta, conversas ou tratamentos médicos, se necessário;



TREINO DA TARDE. Mesma 'dose' da sessão matinal;

JANTAR. Último momento do dia com grupo reunido;

REPOUSO. Por volta das 23 horas, jogadores e restante comitiva recolhem aos respetivos quartos.

SÓCIO MAIS ASSÍDUO PREMIADO

Bernardo viveu 3 dias de sonho



LEMBRANÇA. Jovem recebeu camisola assinada pelo plantel

Bernardo Marques é o sócio n.º 861 do Ac. Viseu e na época passada foi a todos os jogos no Fontelo. Como prémio, a estrutura proporcionou-lhe 3 dias em Espanha com a comitiva. "Fui recebido quase como um novo jogador pelo plantel, equipa técnica e staff. Quero agradecer ao Ac. Viseu e ao presidente Mariano Lopez pela oportunidade de estar num estágio de um clube profissional e principalmente o clube da minha terra", diz o viseense de 28 anos, formado em Contabilidade e Administração e pós-graduado em Finanças Empresariais. Quando soube que iria estar com os craques pensava que era "uma brincadeira de amigos", mas a experiência valeu a pena. "Fiquei feliz por vivenciar como funciona um estágio, ver o treino, treinar, conviver em momentos de lazer e nas refeições com o plantel, o staff e mesmo a administração, não é todos os dias", diz, assumindo que foi "surpreendente". "Não tinha conhecimento de um clube chamar um adepto ou sócio para um estágio e privar com os jogadores", conclui.

APOSTA NA JUVENTUDE É PRIORIDADE

"QUEREMOS ALARGAR A BASE DA PIRÂMIDE"

PADEL

Paulo Caldeira destaca a necessidade de investir na captação de jovens para a modalidade

ANDRÉ SANTOS



PEDRO CATARINO

O padel continua a crescer a um nível frenético em Portugal e a aposta nos mais jovens promete ser, daqui para a frente, uma das grandes tónicas da Federação Portuguesa de Padel. O objetivo, tal como explica Paulo Caldeira, um dos coordenadores do novo Gabinete de Apoio ao Rendimento Desportivo, passa por "alargar a base" da pirâmide dos praticantes, investindo na "captação de jovens" e na "qualidade do treino": "No nosso caso, o desequilíbrio é gigantesco. Estes processos só fazem sentido se pensarmos na elite, porque os nossos jovens só se fidelizam à modalidade quando veem que há um percurso a percorrer. O nosso projeto também vai apoiar isso", garante um dos responsáveis pelo departamento de alto rendimento. Para que tudo isto seja possível, explica Paulo Caldeira, é preciso proporcionar

"O SEGREDO VAI ESTAR NA QUALIDADE DO TRABALHO, UM POUCO COMO SE FEZ NO FUTEBOL", DIZ PAULO CALDEIRA

cada vez mais oportunidades para os 'miúdos' praticarem, evoluírem e competirem no padel, cenário que potenciaria ainda mais este desporto no nosso país: "Acima de tudo, temos de proporcionar oferta e experiências no padel. Temos um projeto que corre muito bem deste ponto de vista, que é o padel escolar, que também faz com que muitas crianças comecem a experienciar aquilo que é o padel. Agora, temos de fazer com que esses miúdos transitem para os clubes e possam fazer tudo isso nos clubes. É uma oportunidade que não podemos desperdiçar, temos de criar condições atrativas para podermos promover a competição. Mais torneios e, acima de tudo, mais torneios diferenciados para que todos possam participar, tendo também em consideração aqueles que não se incluem nas categorias dos melhores jovens". Um dos principais segredos passa pelo "trabalho de qualidade", já que Portugal não tem, nem de perto nem de longe, o mesmo número de praticantes de países como Espanha ou Argentina, duas das grandes potências do padel internacional. Nesse sentido, o centro de alto rendimento pretende dar aos novos atletas - e não só - meios para se conseguirem formar, de maneira a que, aos poucos, os jogadores do nosso país consigam ter uma evolução gradual: "Nunca vamos conseguir ter milhões de miúdos a praticar padel e, por isso, temos de arranjar um equilíbrio no que diz respeito aos praticantes e à qualidade dos mesmos. O segredo vai estar na qualidade do trabalho. É um bocadinho como o futebol fez há 30 anos. Enquanto alguns países têm dimensão populacional para fazer este processo de melhoria de qualidade, onde a quantidade de jovens é tão elevada que os talentos vão surgindo com alguma naturalidade, nós, por melhores que sejam os níveis de captação, temos de fazê-lo de outra maneira", completa Paulo Caldeira, que também não deixa de destacar a importância dos praticantes mais velhos e o "cariz social muito importante" de um desporto como o padel, que a cada dia que passa tem unido cada vez mais pessoas em Portugal, estejam elas já focadas no aspeto competitivo ou na vertente mais didática.



VITOR CHI



LUÍS MANUEL NEVES

FIGURA. Paulo Caldeira (à esquerda), que além de responsável pelo departamento de alto rendimento é também um dos coordenadores do novo Gabinete de Apoio ao Rendimento Desportivo (GARD), é um dos rostos do programa 'Padel Evolution 2028', que tem como objetivo apostar numa nova estrutura capaz de estimular o crescimento do padel no cenário competitivo.

Torneios têm papel fulcral

No que diz respeito ao nível competitivo, Paulo Caldeira não esquece a necessidade de criar mais torneios, de forma a que todos os praticantes, principalmente os de nível menos elevado, tenham também a oportunidade de competir. "Como o número de torneios que há no nosso país não é muito elevado, acontece que os jovens acabam por ficar todos juntos, fazendo com que aqueles que estão a dar os primeiros passos na competição acabem por competir contra os nossos melhores atletas das mesmas idades. O desequilíbrio é muito grande e nota-se a diferença", refere, dando depois o exemplo daquilo que acontece no padel adulto: "No mesmo fim-de-semana, existem torneios de 10.000 [onde estão os melhores jogadores], de 5.000 e de 1.000. Os adultos percebem que os melhores têm de ir aos de 10.000, os que são menos bons aos 5.000 e os que não praticam o padel de forma tão séria aos de 1.000. Nos jovens, ainda não há tanto esta noção nem esta quantidade de torneios", lamenta.

MOTORES

DACIA SPRING









Evolução natural

A quarta geração foi aprimorada e mantém preço abaixo de 20 mil euros

ANDRÉ GONÇALVES

A Dacia dá continuidade à evolução do Spring, modelo que tem conquistado considerável número de clientes por toda a Europa nos últimos anos. A quarta geração do elétrico compacto de 4 lugares pretende ser, cada vez mais, um amigo das cidades.

Esta renovação (com três versões e dois níveis de potência do motor elétrico) chega a Portugal lá mais para o outono, depois de ter sido o 4.º automóvel elétrico mais vendido no país em 2022 e 2023 e aquele que mais clientes particulares conquistou em igual período. Em toda a Europa, foi o terceiro automóvel elétrico mais vendido no ano passado.

O 'design' exterior sugere maior robustez, a fazer lembrar o Duster, e os pormenores interiores prometem ser atrativos para a generalidade do público. Há um painel de instrumentos personalizável, com ecrã de 7" (a versão 'Extreme' inclui ecrã tátil de 10") e mais soluções de arrumação em relação ao Spring anterior. Não apenas no que toca à bagageira, mas também a outros compartimentos, como o porta-luvas duplo. O volante foi renovado, com melhor aderência e acesso aos comandos. A coluna de direção passa a ser ajustável em altura.



O Spring 2024 permite uma regeneração mais forte na desaceleração através do novo modo 'B' e vem equipado com um carregador AC de 7kW que pode carregar a bateria dos 20 aos 100%, numa tomada doméstica em menos de 11 horas, ou em cerca de 4 horas se utilizar uma wallbox de 7 kW. Existe ainda um carregador opcional de 30 kW que permite, em 45 minutos, carregar dos 20 aos 80%.

Dispõe ainda de tecnologia bidirecional V2L (veículo-para-carga), que pode ser utilizada como fonte de energia para aparelhos elétricos, através de um adaptador que funciona como uma tomada tradicional. Todas as atualizações da nova geração reforçam o Spring como opção para o dia-a-dia e mantêm a lógica da relação preço-qualidade - qualquer das versões (45 cv ou 65 cv de potência) está fixada abaixo dos 20 mil euros.

TÉCNICA

NIRO EV

Motor	Elétrico síncrono íman permanente
Potência (cv/rpm)	45 65
Binario (Nm/rpm)	125 113
Velocidade máxima (km/h)	125
Aceleração 0-100 km/h (seg)	19,1 13,7
Capacidade da bateria iões lítio (kWh)	27,4
Autonomia (km)	225 228
Consumo misto (kWh/100 km)	13,8 13,0
Capacidade da bagageira (l)	303
Comp/Larg/Alt (m)	3,701/1,583/1,519
Peso (kg)	984
Preço (€)	16.900*

* Valor para a versão Essencial (45 cv); A versãoi Expression custa €18.900 e a mais equipada, Extreme, custa €19.900

ESTATUTO 'PREMIUM' PARA O SUV DE 7 LUGARES



Hyundai renova Santa Fé

A Hyundai avançou para a 5ª geração do Santa Fé e o estatuto 'premium' do SUV que pode ter 7 lugares. A comunicação da marca coreana encontrou a mensagem "Open for More", procurando sublinhar a versatilidade do modelo que está disponível em Portugal já a partir de agosto. As alterações em termos estéticos - principalmente na secção traseira, com porta maior - sugerem imponência e robustez, completadas depois por interior renovado e onde a hipótese dos 7 lugares é de série.

No capítulo das motorizações disponíveis, a Hyundai prossegue, sem surpresa, o caminho da eletrificação. Há uma versão híbrida com motor a gasolina 1.6 TGDi e 215 cv de potência e outra híbrida recarregável, que usa bateria de 13,8 kWh de capacidade. Esta opção, com 253 cv de potência, tem autonomia de 65 km em modo 100 por cento elétrico e pode recarregar a bateria em 3h50m - utilizando carregador de 3,6 kWh. Ambas dispõem de caixa automática de 6 velocidades.

Os preços são conhecidos mais próximos do lançamento, sendo que o novo Santa Fé inclui, sem surpresa, modernos sistemas de segurança e auxílio à condução. A conectividade prevê atualizações remotas. P.R.S.

ANTESQUESEJA2.ª FEIRA



Filipe Alexandre Dias
Editor executivo

'Estupidenzo': o racismo continua a atacar



O debate está lançado mais uma vez e a razão para tal não podia ser mais lastimável. Por muito grande que seja a parte, não pode ser confundida com o todo, mas a cena internacional coloca a controversa questão: o futebol argentino é intrinsecamente racista? Ou mais até: os argentinos são racistas? Os cânticos de teor claramente xenófobo contidos num vídeo gravado pelo ex-Benfica Enzo Fernández após a Argentina conquistar a Copa América, colocando em causa a 'pureza' de muitos jogadores de França com raízes africanas, está a incendiar o clima. E há quem se mantenha indiferente. Pior: há quem aproveite para desafiar quem condena o que só pode ser condenado.

Depois do vídeo de Enzo viralizar, a comunidade futebolística entrou em erupção à escala planetária e ultrapassou em larga medida as barreiras do âmbito estritamente desportivo. A FIFA foi célere e abriu uma investigação ao caso (a qual Messi e a federação argentina ignoraram olimpicamente...); vários colegas de equipa de Enzo no Chelsea removeram-no prontamente das suas redes sociais e manifestaram repulsa pelo sucedido e (por ali não há aquela proteção portuguesinha a quem é nosso...) o clube de Stamford Bridge instaurou um processo disciplinar ao seu jogador... sem hesitar. Mas o mais vergonhoso estava ainda para vir.

Na Argentina, os responsáveis da tutela pronunciaram-se de pronto. O subsecretário para o desporto, Julio Garro, exigiu um pedido de desculpas público à seleção albiceleste. Conhecido pelo seu estilo populista e desbragado, o presidente da Argentina, Javier Milei, demitiu de pronto o governante mencionado e escreveu na rede social X: "Nenhum governo pode dizer à seleção argentina, campeã mundial e bicampeã da Copa América, o que dizer, o que pensar ou o que fazer." O futebol é novamente pretexto para o pior. E com chancela presidencial. Mas a questão é profunda.

Há ou não há um racismo endémico na Argentina que ganha corpo no futebol e intoxica jogadores e adeptos?

Segundo os outros povos latino-americanos, a resposta é um rancoroso e sonoro 'sim'! Num continente multiétnico, a Argentina – primeiramente colonizada por espanhóis, italianos, franceses, polacos e russos —, mantém traços europeus, tem uma reduzida comunidade indígena e negra por comparação aos países vizinhos e a educação esteve, até ao governo de Nestor Kirchner, impregnada por obras como 'Civilização ou Barbárie', dos livros mais estudados na Argentina, escrito pelo ex-presidente Domingo Faustino Sarmiento, que glorifica o que vem da Europa e bastardiza o que é indígena ou negro.

É verdade que houve progresso, que os casos de racismo no futebol argentino não diferem daqueles a que assistimos por todo o mundo, mas Enzo, que até pediu desculpa, pisou a bola. Fica a esperança de pensarmos que gente boa não tem sítio. E gente estúpida também não.

A PROPÓSITO DE NADA

A coragem de resistir



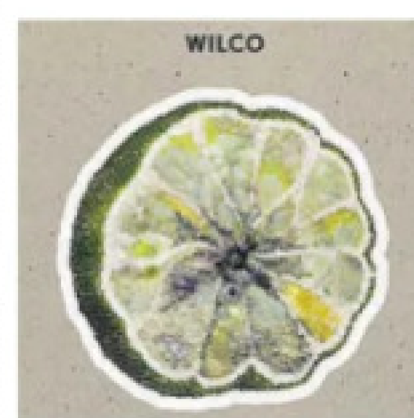
Com uma narrativa sensível e magnética, Stênio Gardel leva-nos pelo passado de Raimundo, permeado de conflitos familiares e da dor do ocultamento da sua sexualidade, mas também das novas formas de afeto e de vida que estabeleceu depois de ter fugido de casa. Explorando o poder universal da palavra escrita e da linguagem, e o modo como elas afetam os nossos relacionamentos, 'A Palavra Que Resta' é um romance arrebatador sobre repressão, violência e vergonha, mas acima de tudo sobre a coragem de lhes resistir.

O hoteleiro trapaceiro

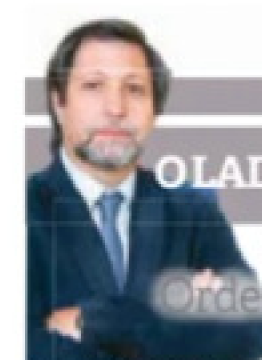


Por cá, Zanzibar é conhecido por duas coisas: pela forte presença colonial portuguesa naquele arquipélago da costa oriental africana entre os séculos XV e XVII e por ser o local onde nasceu um tal de Farrokh Bulsara, que o mundo veio a conhecer como Freddie Mercury. Mas nesta cativante mini-série da HBO, Zanzibar é retratada por ter sido pouso do vigarista polaco Wojciech Zabinski, que durante a pandemia abriu uma rede fraudulenta de hotéis que enganou turistas, funcionários e investidores.

Wilco para ouvir ao sol



Continua a infatigável vigem de Jeff Tweedy e dos seus rapazes, um coletivo de carreira longa, rica e acidentada chamado Wilco. Desta vez, a banda alternative country (e mais estilos em modo alternativo...) de Chicago decidiu aguar a boca da sua legião de fãs com o EP 'Hot Sun Cool Shroud'. Mas este disco de seis faixas tem o fôlego de um LP. Antes da digressão festivaleira de verão com concertos que costumam ser densos, os Wilco lançaram um registo colorido, agridoce, perfeito para ouvir ao sol. Numa tarde langorosa...



O LADO PSICOLÓGICO

Gaspar Ferreira
Ordem dos Psicólogos Portugueses

Regressar com confiança

Com o final dos campeonatos, as equipas estão agora focadas na preparação para a nova época e convivem com as dúvidas e angústias que resultam da possibilidade de alguns jogadores ainda poderem vir a ser transferidos de e para outros clubes. Este processo implica o acolhimento de novos jogadores, jogadores mais jovens que vêm dos escalões de formação interna ou, como no caso de David Carmo do FC Porto, jogadores que voltam ao grupo após uma passagem por outros clubes. A situação dos jogadores que regressam ao clube é comparável a uma recontratação ou reintegração e ocorre quando a organização reconhece que cometeu um erro ao dispensar um trabalhador, ou quando há de novo uma necessidade específica das suas competências e experiência.

O COACHING ACELERA A CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DE DESEMPENHO

O processo é facilitado se houver um plano de reintegração personalizado, uma comunicação aberta com todos, e objetivos com indicadores de sucesso claros. Os resultados serão fortemente potenciados se o plano incluir programas de Mentoria e de Coaching psicológico. A mentoria tem o potencial de apoiar o atleta na sua inserção real, no dia a dia. O coaching, quando conduzido por profissionais qualificados e com experiência, tem o benefício de acelerar a concretização dos objetivos de desempenho e de bem-estar, proporcionando um acompanhamento que previne recaídas e vai proporcionando novas metas de excelência, de modo a alcançar com mais facilidade os resultados que todos querem festejar no futuro.*